

## **A Revolta de fevereiro de 1927 e a suspensão d'O Setubalense**

Os primeiros grandes confrontos com a Ditadura Militar ocorrem no Porto e em Lisboa, nos primeiros dias de fevereiro de 1927. Milhares de pessoas nestas cidades enfrentaram o Exército e a polícia de armas na mão.

Setúbal participou neste movimento de forma mais discreta, mas não deixou de se solidarizar com estes acontecimentos.

Podemos destacar três momentos de ação solidária com os insurretos do Porto e de Lisboa.

O primeiro, passou por uma concentração em frente do Regimento de Infantaria N.º 11, para pressionar os militares a aderir ao movimento. A concentração obteve pouco apoio popular. Compareceram apenas elementos da elite republicana, próximos do Partido Democrático, e alguns dirigentes e ativistas das associações de classe.

O segundo, consistiu numa simulação de posse de um novo Governador Civil. Afonso de Macedo e Castro, que fora o último Administrador do Concelho: foi «nomeado» para ocupar o cargo de Governador. Tratou-se de um ato simbólico, dado que ainda não tinha havido nomeação para o cargo administrativo-político do recém-criado distrito de Setúbal por parte do Governo. Tentava-se, assim, aproveitar o vazio político criado com o atraso na nomeação. Este ato não teve quaisquer consequências práticas.

Por fim, e ainda no quadro do apoio aos revoltosos de Lisboa, houve uma ação concertada de alguns dirigentes operários com os ferroviários do Barreiro para provocar a paralisação dos comboios.

O conjunto destes atos não conseguiu obter apoio popular significativo e não logrou causar danos no novo poder político local.

A comunicação feita pela autoridade concelhia ao ministro do Interior, datada de 12 desse mês, dá conta da abertura de inquéritos policiais a diversas personalidades, que vão desde o chefe da Estação dos Correios e Telégrafos ao

diretor d'*O Setubalense*, passando por «conhecidos agitadores sindicalistas». Os inquéritos incidiram sobre a existência de «factos passivos» que teriam acontecido frente ao quartel do 11, e que teriam contado com a «cumplicidade de alguns elementos da GNR». Teria ainda havido «um simulacro da posse do ex-administrador Afonso de Macedo e Castro, nas funções de Governador Civil interino».

Como consequência desta solidariedade, há a registar o encerramento d'*O Setubalense*, o afastamento do comandante da GNR e, ainda, várias prisões.

*O Setubalense* viu o golpe militar de 28 de maio «como uma oportunidade de resolver os problemas políticos do país fora da confusão dos partidos». No entanto, a partir de meados de junho, a linha editorial do jornal vai sofrendo pequenas alterações, manifestando-se, em 16 de junho, contra a possibilidade de se instaurar uma ditadura em Portugal.

No dia 22 de junho, os jornais de Lisboa recebem da Polícia Cívica de Lisboa um ofício que impunha, «Por ordem superior», o estabelecimento da «censura à Imprensa, não sendo permitida a saída de qualquer jornal sem que 4 exemplares do mesmo não sejam presentes ao Comando Geral da GNR, para aquele fim». A medida será, depois, estendida ao resto do país.

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SETÚBAL



Primeiro número d'*O Distrito de Setúbal*, 16 de fevereiro de 1927, que substituiu *O Setubalense* durante o período da suspensão

Em 23 de junho, *O Setubalense* insurge-se contra a censura prévia à imprensa, sublinhando: «Como todos os jornalistas que se prezam, repugna à nossa pena livre de profissionais semelhante medida, com a qual os governos que a empregam nunca têm nada a lucrar».

Não sabemos o grau de envolvimento que terá tido o diretor d'*O Setubalense*, Luís Faria Trindade, na Revolta de 3 a 7 fevereiro de 1927. O que é conhecido é que até esta data o jornal tinha tido uma linha editorial que nunca hostilizou o Comandante Militar de Setúbal, nem o Administrador do Concelho (COSTA, 2014: 47 e segs.)

*O Setubalense* vai acabar por ser a primeira vítima da ação repressiva do Governo da Ditadura Militar, a propósito dos acontecimentos ocorridos em fevereiro de 1927.

O seu diretor será acusado de ter sido um dos apoiantes da Revolução de fevereiro, acusação que, de resto, nunca admitirá. Tal facto não vai evitar a sua prisão e a suspensão do jornal por seis meses.

Durante este período de suspensão, será substituído por um título com a designação de *O Distrito de Setúbal*, subintitulando-se «Diário da Noite», tendo como diretor Lameiras de Figueiredo e, como redator-principal, Óscar Paxeco. [AAC]

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SETÚBAL



Notícia d'*O Setubalense* sobre a Revolta em Lisboa, 4/2/1927



## **Ofício enviado pelo Administrador do Concelho ao Governador Civil**

«Como já expus pelo telefone, o sr. comandante militar ordenou os seguintes inquéritos que já foram iniciados:

- a) À atitude do chefe e outros empregados da estação de correios e telégrafos.
- b) A atitude do diretor do jornal O Setubalense.
- c) Aos factos passivos em frente do quartel de infantaria 11 com a cumplicidade de alguns elementos da GNR
- d) Ao simulacro da posse do ex-administrador Afonso de Macedo e Castro, nas funções de Governador Civil interino.
- e) A ação de certos guardas da polícia e de reconhecidos agitadores sindicalistas.

Como o sr. Comandante militar vai fazer de tudo o que se passou, um minucioso relatório a fim de ser apreciado pelo Governo, suponho que se torna desnecessário que eu faça, nesse sentido, alguma coisa.

Todavia aguardo a opinião de VE sobre este meu modo de ver.

**Saúde e Fraternidade**

**Setúbal 12 de fevereiro de 1927**

**Administrador do Concelho»**

(COSTA, 2014: 108)